

Atuação do professor de apoio no processo de aprendizagem da criança com TEA na rede municipal de Ubá-MG

EMIDIO, Cecília Maria Bigonha – cebigonha@hotmail.com¹

TOLEDO, Gilson Soares – gilson.toledo@hotmail.com²

HABER, Isac da Silva – profisachaber@gmail.com³

Curso de Pedagogia

Faculdade Presidente Antônio Carlos de Ubá

Ubá - MG/Junho/2022

Resumo:

Este estudo foi realizado para compreender a atuação do professor de apoio no processo ensino-aprendizagem da criança com TEA (Transtorno do Espectro Autista) nas escolas municipais de Ubá-MG. Para entender este processo, propôs-se a seguinte investigação: de que forma o professor de apoio atua no processo de aprendizagem da criança com TEA? Acreditava-se que as escolas e os professores não se encontravam preparados para atender a essas crianças. Diante do exposto, este estudo teve como objetivos analisar como o professor elabora as atividades realizadas na sala de aula, verificar as dificuldades encontradas e como resolver essas dificuldades. Esta pesquisa é de caráter qualitativo e descritivo. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi o questionário semiestruturado elaborado no *Google Forms* e enviado pelo *WhatsApp* - aos professores de apoio. Os resultados encontrados apontaram que os professores precisam conhecer bem seu aluno, suas características e suas necessidades de aprendizagem e de socialização. Nesse contexto, devem ser utilizadas diferentes metodologias visando atender às especificidades de aprendizagem de crianças com TEA a fim de proporcionar a sua inclusão no ambiente escolar.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista- TEA. Processo Ensino-Aprendizagem. Professor de Apoio.

Abstract:

This study was carried out to understand the role of the support teacher in the teaching-learning process of children with ASD (Autistic Spectrum Disorder) in municipal schools in Ubá-MG. To understand this process, we questioned: how does the support teacher act in the learning process of children with ASD? Schools and teachers were not considered ready to assist these children. This study aimed to analyze how the teacher prepares the activities performed in the classroom, to verify the difficulties encountered and how to solve these difficulties. This is qualitative and descriptive research. A semi-structured questionnaire was employed for data collection. It was elaborated in *Google Forms* and sent by *WhatsApp* to the support teachers. The results showed that the teacher needs to depth know their students, their characteristics, and their learning and socialization needs. Therefore, different methodologies should be used to meet the specific learning needs of children with ASD to provide their inclusion in the school environment.

Keywords: Autistic Spectrum Disorder - ASD. Teaching-Learning Process. Support Teacher.

¹ Acadêmica do 7º de Pedagogia da FUPAC-Ubá.

² Professor do Curso de Pedagogia FUPAC-Ubá (Orientador)

³ Professor do Curso Pedagogia FUPAC-Ubá (Coorientador)

Introdução

Este estudo procurou compreender como é a atuação do professor de apoio no processo de aprendizagem destas crianças nas escolas da rede municipal do Ensino Fundamental de Ubá-MG.

De acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, no Artigo 26º, “Toda pessoa tem direito à educação e esta deve ser gratuita, garantindo assim o acesso ao ensino elementar fundamental, uma vez que é obrigatório” (ONU, 1948, p. 4). Considerando esta obrigatoriedade, propôs-se a seguinte investigação: como o professor atua no processo de aprendizagem da criança com TEA? Para responder a esse questionamento, este estudo objetivou analisar a atuação do professor no processo de aprendizagem da criança autista; verificar como são elaboradas as atividades trabalhadas em sala de aula, quais são as principais dificuldades encontradas e como ele deve intervir para resolver essas dificuldades.

Acreditava ser frequente, nas escolas, a falta de capacitação dos professores para atuarem no processo de ensino-aprendizagem das crianças com TEA. Desse modo, justifica-se esta pesquisa, uma vez que tem crescido a demanda por atendimento às necessidades dessas crianças ingressas no ensino regular.

Diante do exposto, notou-se a necessidade de compreender as relações produzidas pelas crianças autistas no contexto escolar, principalmente, no que se refere à sua aprendizagem assim como às suas relações de convivência com outros colegas e seus professores. Deve-se, portanto, atentar para uma nova concepção de educação que seja capaz de atender às necessidades de todos os estudantes, perfazendo, de fato, a inclusão.

Referencial Teórico

Cunha (2019), afirma que o Transtorno do Espectro do Autista (TEA) manifesta-se nos primeiros anos de vida da criança e apresenta tantas incertezas em seus sintomas, que dificultam o diagnóstico precoce. Tal transtorno é classificado como um Transtorno Global e seu diagnóstico é feito através de observações de profissionais e de relatos dos pais (CAMPOS, FERNANDES, 2015).

Segundo Martins e Monteiro (2017), o TEA foi apresentado pela primeira vez, em 1943, através dos estudos do psiquiatra austríaco, Leo Kanner, sendo relatados casos de oito meninos e três meninas. Na década de 1960, Fest e Demyler destacaram-se como os pioneiros nas

pesquisas sobre o autismo, através de um referencial comportamental, feito através da observação do comportamento de crianças. Verificou-se que o autismo pode se manifestar logo após o nascimento, de modo que algumas crianças possuem tanto aparência quanto comportamento normais durante um tempo, depois começam a manifestar os sintomas característicos do TEA (MELLO, 2005).

Segundo Martins e Monteiro (2017), o TEA é caracterizado por desvios que ocorrem na comunicação, nas interações sociais, nos movimentos e na imaginação. Mello (2005) declara que as causas do autismo ainda são desconhecidas. O que se acredita é que ocorra alguma anormalidade no cérebro e este fato pode estar relacionado com problemas durante a gestação ou mesmo no parto. O diagnóstico pode ser realizado a partir dos dezoito meses de vida, através de uma avaliação realizada por profissionais médicos, pois não existem testes laboratoriais específicos para a identificação do autismo.

Em 2013, a Associação Psiquiátrica Americana (APA) criou novos critérios para que o diagnóstico de crianças autistas seja feito. Tais critérios estão presentes no Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) (CAMPOS; FERNANDES, 2015). É importante que o diagnóstico seja realizado o quanto antes, para que as crianças tenham o tratamento específico e direcionado, tanto na área educacional, quanto nas demais (MELLO, 2005).

Os mesmos autores declaram que após o diagnóstico, é necessário que se inicie o tratamento através de intervenções individuais. Na nova versão criada pela DSM em 2013, o autismo recebeu a classificação de Síndrome de Asperger (MARTINS; MONTEIRO, 2017). As crianças autistas apresentam antes dos cinco anos de idade algumas características próprias, como por exemplo, ao conversar utilizam em seu vocabulário palavras difíceis; fazem a repetição de frases que ouvem, entre outras (MELLO, 2005).

Uma característica que ajuda no diagnóstico do TEA é o déficit na área da linguagem que tem grau variado e afeta, tanto as capacidades verbais, quanto as não verbais. Já a criança que não conseguiu desenvolver as capacidades verbais terá dificuldades também em se relacionar com outras crianças com as quais convive (CAMPOS; FERNANDES, 2015).

A criança que não desenvolveu a capacidade verbal terá dificuldades ainda nas expressões faciais, nos seus gestos e movimentos. Desse modo, algumas crianças não desenvolvem bem a comunicação e outras não conseguem nem falar. Com o atraso na compreensão na área da linguagem funcional as crianças autistas também têm dificuldades em compreender o humor no sentido figurado, as piadas e os sarcasmos. Outrossim, são incapazes de fazer as interpretações de mentiras, de ironia e de frases que possuam duplo sentido (CAMPOS; FERNANDES, 2015).

De acordo com Mello (2005), em determinados acontecimentos, as crianças com TEA têm dificuldades para compreender e demonstrar emoções até mesmo através do tom da sua voz. Geralmente, não costumam acariciar outra pessoa e também não gostam de receber carinho. As crianças autistas possuem interesses por assuntos ou brinquedos específicos que, geralmente, duram por muito tempo. Alguns desenvolvem a capacidade de fazer cálculos de calendário e matemáticos, assim como memorizarem sequências grandes. Não têm a autocensura, de modo que, antes de falarem algo, não avaliam como, dizendo o que estão pensando sem avaliar o impacto no outro. A criança com TEA, em decorrência de um déficit no mecanismo cognitivo, pode apresentar dificuldades nos jogos simbólicos, na criatividade, nas interações sociais e em originalidade (CAMPOS; FERNANDES, 2015). Ocorre também um atraso no processo do desenvolvimento motor, apresentando dificuldades na escrita e na coordenação motora fina e grossa. Não conseguem demonstrar o conhecimento aprendido, o que é muito comum. São extremamente sensíveis a sons e ruídos. Possuem também atração por músicas, objetos com iluminação, texturas diferentes, equipamentos eletrônicos, jogos (MELLO, 2005).

Para a criança com TEA é muito importante a rotina e seus rituais. Uma mudança em sua rotina gera um grande transtorno. Tem dificuldades com relação à adaptação e às mudanças de locais e de pessoas em sua convivência. Observa-se ainda muito interesse em assuntos específicos. Ao pedir que a criança autista faça algo que está ligado à organização e execução de alguma tarefa, ela terá dificuldades em praticar essas ações. O importante então é que o professor compreenda a criança autista no que diz respeito a aprender na idade certa ou no tempo certo (MELLO, 2005).

Essas crianças são inteligentes e superam suas dificuldades utilizando os recursos cognitivos. Além disso, seu comportamento é acompanhado de um comprometimento mental. Elas têm dificuldades de interação, uma vez que não realizam nenhum tipo de contato visual (SILVA; GAIOTO; REVELES, 2012).

Para estes mesmos autores, tais crianças não conseguem interagir com outras durante as brincadeiras, ficando sempre isoladas e brincando sozinhas. Pelo fato de essas crianças não terem muito contato com outras, elas não desenvolvem tão bem a oralidade. Tem como característica ainda, a dificuldade em se comunicar mesmo que seja somente para pedir alguma coisa simples e do seu uso diário. Fazem movimentos repetitivos como movimentar as mãos e balançar os braços (SILVA; GAIOTO; REVELES, 2012).

Crianças com grau de TEA mais elevado, dependem, frequentemente, da ajuda de outras pessoas. Algumas vão necessitar de cuidados por toda a vida, pois não conseguem realizar nem mesmo sua higiene pessoal. Para que essas crianças consigam desenvolver as habilidades de

autocuidado, é necessário que seja feito um treinamento bem detalhado. Esse tipo de autismo também é conhecido com Autismo Clássico, uma vez que engloba todas as informações acima, além das dificuldades nos afazeres mais simples como se alimentar, vestir roupas dentre outras atividades que fazem parte do seu dia a dia (SILVA; GAIOTO; REVELES, 2012).

Segundo Silva, Gaioto e Reveles (2012), o TEA é fragmentado em espectro e este fato é importante a fim de favorecer a identificação das várias formas, como os sintomas aparecem o que contribuiu para um diagnóstico e tratamento mais precoce. Ressaltam ainda que uma das características fundamentais em pessoas que apresentam sintomas do TEA, refere-se à socialização. Este é um sintoma mais comum para iniciar todo o tratamento.

Existem alguns tipos de intervenções utilizados para serem aplicados em crianças com TEA, entre eles o TEACCH (Tratamento e Educação para Crianças Autistas e com Distúrbios Correlatados de Comunicação). Este foi desenvolvido na década de 1960, nos Estados Unidos. Sobre os métodos, destaca-se o PEP-R (Perfil Psicoeducacional Revisado) que faz um programa de forma individualizada e busca, através da organização do ambiente, desenvolver a independência da criança autista (MELLO, 2005).

Sobre o TEACCH, notam-se muitas críticas porque utilizam crianças com dificuldades relacionadas à linguagem e supostamente faz com que elas operem de forma automática. O ABA (Análise Aplicada do Comportamento), visa desenvolver as habilidades que a criança autista não possui, de forma individualizada e através de orientações. Esse tipo de tratamento também recebe críticas, pois é visto como o TEECCH, em que as crianças aprendem de forma robotizada (MELLO, 2005).

Além desses métodos, foram criadas também técnicas para desenvolver habilidades educacionais em crianças com TEA. Uma delas é o FC (Comunicação Facilitada). A esse respeito, Mello (2005, p. 44) descreve que “podemos resumi-la ao uso de um teclado de máquina de escrever ou computador, no qual uma pessoa que tem autismo transmite seus pensamentos com a ajuda do facilitador, que lhe oferece o necessário suporte físico.”

O uso do computador é indicado para as crianças que sabem ler, mas que possuem dificuldades na coordenação motora fina e grossa, que não conseguiram aprender através do método tradicional. O AIT (Integração Auditiva), propõe um tratamento através dos sons tanto em crianças quanto em adultos autistas para que eles consigam se adaptar a barulhos intensos e diferenciados. O SI (Interação Sensorial) é uma terapia que busca desenvolver e ensinar a criança autista através das brincadeiras sensoriais, brinquedos e equipamentos (MELLO, 2005).

Outro método que merece destaque é o Movimentos Sherbones. De acordo com Mello (2005, p. 48), este “método visa desenvolver o autoconhecimento da criança através da consciência de seu corpo e do espaço que a cerca, pelo ensino do movimento consciente”.

Notadamente, para se utilizar os métodos e técnicas apresentados, é necessário: capacitação, profissional qualificado, professor de apoio e investimento da escola a fim de que a inclusão aconteça, de fato (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2004). A esse respeito, Matos e Mendes (2015) citados por Camargo, Silva e Crespo (2020, p. 3) afirmam que

As questões mais importantes a serem respondidas atualmente, em relação à inclusão escolar de crianças com deficiências, referem-se não somente ao direito dessas crianças frequentarem a escola comum, mas como educadores podem fornecer uma educação adequada que atenda às necessidades educativas especiais, garantindo assim, progresso e permanência das crianças na escola.

O que pode ajudar nessa permanência é a utilização dos materiais pedagógicos, pois é através deles que o aluno autista desenvolve experiências sensoriais. E ainda, permite ao aluno a descoberta, a partir do contato com as áreas de conhecimento (CUNHA, 2019). O fato de estar interligado com o material concreto favorece a inclusão desse aluno dentro da sala de aula. Alguns exemplos desses materiais são: EVA, folhas, livros entre outros. Camargo, Silva e Crespo (2020) explicam que muitas vezes estes materiais não estão relacionados com o conteúdo aplicado pelo professor regente.

Com relação à avaliação, o que se entende ser um aspecto desafiador, porém importante, Cunha (2020) atesta que deve ser realizada mediante observação do desenvolvimento das atividades que são propostas pelo professor. A partir dos vários aspectos até aqui apresentados, nota-se que muitos educadores não se sentem preparados para a inclusão escolar dos estudantes com diagnóstico de TEA, pois exige conhecimentos cada vez mais específicos, capacitação, dedicação e demanda tempo. Desta forma, depende exclusivamente do professor para que o aluno consiga se desenvolver (BOSSA 2006; SCHIMIDT *et al.*, 2016 *apud* CAMARGO; SILVA; CRESPO, 2020).

De acordo com a Secretaria do Estado da Educação no artigo 59 da Lei Federal nº 9394, de 20 de dezembro de 1996, na Sessão II no Artigo 27º, “27 - O Professor de Apoio à Comunicação, Linguagem e Tecnologias Assistivas (ACLTA) tem a função de apoiar o processo pedagógico de escolarização do estudante com disfunção neuromotora grave, deficiência múltipla ou Transtorno do Espectro Autista (TEA) matriculado na escola comum, sendo autorizado 1 (um) professor para até 3 (três) estudantes matriculados no mesmo ano de escolaridade e frequentes na mesma turma.

§ 1º - Nos casos em que houver na escola apenas uma turma para o ano de escolaridade, o Professor de Apoio à Comunicação, Linguagem e Tecnologias Assistivas poderá atender mais de três estudantes.

§ 2º - É vedada a coexistência de mais de um Professor de Apoio à Comunicação, Linguagem e Tecnologias Assistivas em uma mesma turma.

§ 3º - A autorização do Professor de Apoio à Comunicação, Linguagem e Tecnologias Assistivas (ACLTA) se justifica quando o estudante apresentar necessidades de suporte na comunicação alternativa, aumentativa ou no uso de recursos de tecnologias assistivas.

Ainda que não se sintam preparados para receber os alunos com o TEA, os professores os têm recebido em suas salas de aula e se esforçado para adaptar tanto o espaço físico quanto as metodologias, uma vez que têm aumentado consideravelmente os diagnósticos de alunos com TEA na escola regular (DUTRA, 2008 apud CAMARGO; SILVA; CRESPO *et al.*, 2020).

Outro ponto a ser apresentado, e que se refere à inclusão, é de como proporcionar uma educação adequada para essas crianças que garanta um processo de ensino-aprendizagem efetivo e de qualidade e ainda a permanência delas no ambiente escolar (MATOS; MENDES, 2015 apud CAMARGO; SILVA; CRESPO *et al.*, 2020). Desse modo, aumenta a necessidade de que o professor tenha conhecimento, tanto no início da graduação, quanto durante sua prática profissional, porém nem sempre isto é possível (CAMARGO; SILVA; CRESPO *et al.*, 2020).

É necessário destacar que o professor não possui conhecimento suficiente para atender às demandas dos estudantes com TEA. Este trabalho deve ser realizado por uma equipe multidisciplinar e, por sua vez, com a ajuda de outros profissionais com diferentes formações. Assim sendo, o estudante poderá alcançar os resultados desejados (CUNHA, 2019).

Segundo Martins e Monteiro (2017 p. 219), “a interpretação das ações do aluno autista pela professora ganha uma dimensão maior se considerarmos que é na relação com o outro que as ações da criança vão ganhar sentido e passar a fazer parte de seu universo simbólico.” A despeito desta questão, portanto,

o número de casos vem aumentando no Brasil e no mundo, apontando para a necessidade de um maior investimento nos aspectos educacionais dessas crianças dentro do paradigma da inclusão. Diversos estudos têm apontado o papel do professor para a adequada inclusão de crianças com autismo e o impacto dessa inclusão no desenvolvimento de habilidades acadêmicas, sociais e de comunicação em crianças com TEA. (CAMARGO; BOSA, 2012 apud CAMARGO *et al.*, 2020 p.3).

É necessário que o trabalho pedagógico voltado para a criança com TEA seja algo bem planejado para que ocorra a aquisição do conhecimento (CAMARGO; SILVA; CRESPO,

2020). Os mesmos autores (2020, p. 4), afirmam o quão importante é “a formação continuada para qualificar os serviços educacionais para essa população.” Nesse sentido, é imprescindível que os professores busquem se qualificar para compreender quais são as reais necessidades das crianças com TEA e atuem de forma o mais assertiva possível.

Metodologia

A presente pesquisa utilizou-se do método qualitativo. Segundo Marconi e Lakatos (2003), esta analisa, descreve e interpreta dados minuciosos e profundos do comportamento humano.

Quanto ao nível, esta pesquisa é descritiva. Segundo Gil (2002, p. 42), “tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”.

Quanto aos procedimentos, é uma pesquisa de campo. Marconi & Lakatos (2003, p. 186) atestam ser “utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese que se queira comprovar, ou ainda descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles”. Isso se obteve através do questionário enviado às professoras de apoio que atuam nas escolas da rede municipal.

Para a coleta de dados, foi utilizado um questionário semiestruturado, contendo 7 perguntas objetivas e 3 subjetivas. Marconi e Lakatos (2003, p. 200) atestam que “é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador.” Este foi elaborado utilizando o *Google Forms* e enviado às professoras por *WhatsApp*.

A amostra foi composta por 10 professoras. Como critério de inclusão, foram selecionadas professoras de apoio que atuam na Rede de Ensino Municipal e que aceitaram participar desta pesquisa, assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). O fator de exclusão, foram os demais professores que não atendem estudantes com TEA, não são professores de apoio ou não aceitaram participar desta pesquisa.

A coleta de dados foi realizada após entrar em contato com as diretoras das escolas solicitando a autorização para a realização da pesquisa. Em seguida, o questionário e o TCLE foram enviados às professoras que compuseram a amostra e definido um prazo de 3 dias para a devolução desses documentos.

Os dados foram compilados, transformados em gráficos e tabelas, assim como em textos descritivos. Em seguida, foram analisados, a partir da literatura que trata especificamente sobre

o tema TEA. O artigo será divulgado através de apresentação em congressos, simpósios e demais eventos na área de educação, assim como em revistas científicas.

Este artigo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa, através da Plataforma Brasil, sendo respeitados os procedimentos bioéticos, propostos pela Comissão Nacional de Saúde (Resolução nº 466 de 12-12-2012 – CNS/MS).

Resultados e Discussões

Universo da Pesquisa

A presente pesquisa foi realizada na cidade de Ubá - MG, situada na Zona da Mata Mineira e, de acordo com o IBGE (2021), tem uma população de 117.995 habitantes. Para atender às demandas de educação, o município conta com a oferta de escolas públicas (municipal, estadual e federal) e escolas privadas. Estas instituições oferecem cursos tanto na Educação Básica, Técnica e Tecnológica, quanto no Ensino Superior. Esta pesquisa teve como participantes os docentes da Educação Básica, que atuam como professores de apoio nas escolas municipais: Vovó Maria das Dores e Deputado Felipe Balbi. De acordo com os dados coletados, todos os professores de apoio que participaram desta pesquisa são do gênero feminino e possuem em sua formação acadêmica Pós-Graduação em Educação Especial.

Atuação do professor de apoio no processo de aprendizagem

De acordo com os docentes participantes da pesquisa o professor de apoio deve conhecer os interesses do estudante, dividir suas tarefas em etapas e o mais importante, organizar sempre um painel de rotina. A este respeito, Mello (2005), afirma: para a criança com TEA é muito importante manter tanto a rotina quanto os seus rituais, uma vez que as mudanças geram transtornos e dificuldades em relação à adaptação, as mudanças de local e pessoas que fazem parte de sua convivência.

Outro apontamento destacado por Mello (2005), é que o professor de apoio deve ter conhecimento sobre o espectro autista e a relação dele com seu aluno devido às características peculiares que variam de criança para criança, no que se refere ao processo ensino aprendizagem de alunos com TEA. Em cada situação específica, há necessidade de adaptações que diferem dos métodos tradicionais de ensino, já que impõem desafios aos professores e superação de barreiras para garantir o direito e permanência dessas crianças no ensino regular.

Materiais e recursos utilizados para desenvolver os componentes curriculares

Ao ensinar alunos com TEA, o professor de apoio precisa buscar diferentes alternativas para que ocorram aprendizagem e inclusão. Para além do direito de frequentar a escola, é imprescindível que o educador proporcione uma educação adequada às necessidades educativas especiais desses alunos, focando sempre no progresso e permanência na escola (MATOS; MENDES, 2015 *apud* CAMARGO; SILVA; CRESPO, 2020). Diante desta questão, foi verificado junto aos professores de apoio quais os materiais utilizados em sala de aula para se trabalhar com os estudantes com TEA. O que pode ser verificado na Figura 1.

Figura 1- Materiais utilizados para trabalhar com alunos TEA

Fonte: Pesquisa (2022)

Nota-se que a totalidade dos professores utilizam o material concreto. Ratificando a teoria de Camargo, Silva e Crespo (2020), este material serve como recurso que permite realizar a inclusão. Alguns exemplos desses materiais são: folhas, livros, entre outros.

Diante do desafio constante em ensinar os estudantes com TEA, foi perguntado aos participantes da pesquisa quais são os recursos que eles utilizam e foram obtidas as seguintes respostas.

Figura 2- Recursos utilizados para trabalhar com alunos com TEA

Fonte: Pesquisa (2022)

Neste caso também, a totalidade dos professores apontam que utilizam os recursos pedagógicos. Corroborando com estes dados, Cunha (2019) explica que o uso frequente dos recursos pedagógicos favorece a aprendizagem através de experiências sensoriais.

Outro aspecto importante a ser observado é a avaliação tendo em vista as especificidades dos estudantes autistas. Desse modo, foi apontado por P4 que: “Hoje estou atuando na Educação Infantil e as avaliações são diárias, [procurando trabalhar] dentro de cada especificidade.” A este respeito, Cunha (2020) diz que a avaliação deve ser feita através da observação do professor a partir de toda e qualquer atividade proposta e ainda que o desenvolvimento do estudante com TEA não deve levar em consideração os resultados dos demais colegas, mas sempre comparando com a própria evolução.

Atividades e dificuldades encontradas

Estudantes com TEA necessitam de atividades diversificadas e objetivas para evitar a desorganização comum em estudantes que possuem este diagnóstico. A este respeito, Cunha (2020) atesta que o professor de apoio deve conhecer o aluno em detalhes para propor atividades pedagógicas que serão eficientes em termos de desenvolvimento de habilidades e aprendizagem. Um exemplo é propor tarefas que tenham relação com os afazeres diários. Caso o estudante não

obtenha êxito, de toda forma estas atividades irão favorecer o desenvolvimento de algumas habilidades como: comunicação, cognição e movimentos corporais.

Diante do exposto, foram verificadas, com os professores, quais as principais dificuldades encontradas quando ocorre a proposição de atividades.

Quadro 1 – Dificuldades para trabalhar com alunos com TEA

Dificuldades encontradas	Quantitativo
Comunicação	40 %
Socialização	40%
Comportamento	20%
Rotina	-

Fonte: Pesquisa (2022)

Os dados acima confirmam o que Campos e Fernandes (2015) apresentam em suas análises. Segundo estes autores, uma das características comuns em crianças com diagnóstico de TEA é o déficit na linguagem que se apresenta em grau variado e afeta tanto as capacidades verbais quanto as não verbais.

Notadamente, a criança que não conseguiu desenvolver as capacidades verbais terá também dificuldades em se relacionar socialmente. Além disso, seu comportamento é acompanhado por comprometimento mental e neste caso, as crianças têm dificuldades de interação, uma vez que não realizam nenhum tipo de contato visual (SILVA; GAIOTO; REVELES, 2012).

Sobre as dificuldades encontradas tanto no processo de ensino quanto no processo de aprendizagem, uma resposta foi mais recorrente: os docentes apontaram sobre a “importância de conhecer a dificuldade do aluno”. Entende-se que devem ser propostas atividades diversificadas e o diálogo constante com o estudante, com a família (quando necessário) e com a equipe pedagógica da escola a fim de identificar e conhecer a dificuldade específica e a partir dessa constatação atuar com ações mais pontuais.

A este respeito, Silva, Gaiato e Reveles (2012), afirmam que a criança TEA tem dificuldades em realizar atividades com os demais, não consegue compartilhar ideias e

interesses, não compreende os sentimentos e pensamentos do outro e, sobretudo, possui interesse em um determinado assunto específico.

A criança com TEA, em decorrência de um déficit no mecanismo cognitivo pode também apresentar dificuldades nos jogos simbólicos, na criatividade, nas interações sociais e nas originalidades (CAMPOS, FERNANDES, 2015). Ela poderá ter também atraso no processo do desenvolvimento motor, dificuldades na escrita e na coordenação motora grossa e fina. Não conseguem passar o conhecimento aprendido e são sensíveis a sons e ruídos (MELLO, 2005).

O trabalho docente e o apoio especializado

Sabe-se que o trabalho do professor de apoio é notadamente necessário e imprescindível para atuar no processo de ensino com o estudante com diagnóstico de TEA. No entanto, deve-se atentar para o aspecto da formação continuada, haja vista a necessidade de preparação do professor para atuar com os referidos estudantes. Neste sentido, a totalidade dos professores de apoio (100 %) pesquisados concordam que “é preciso ter uma preparação para atuar com o aluno com TEA.” Este dado pode ser observado na figura abaixo.

Figura 4- Preparação para atuar com o aluno com TEA

Fonte: Pesquisa (2022)

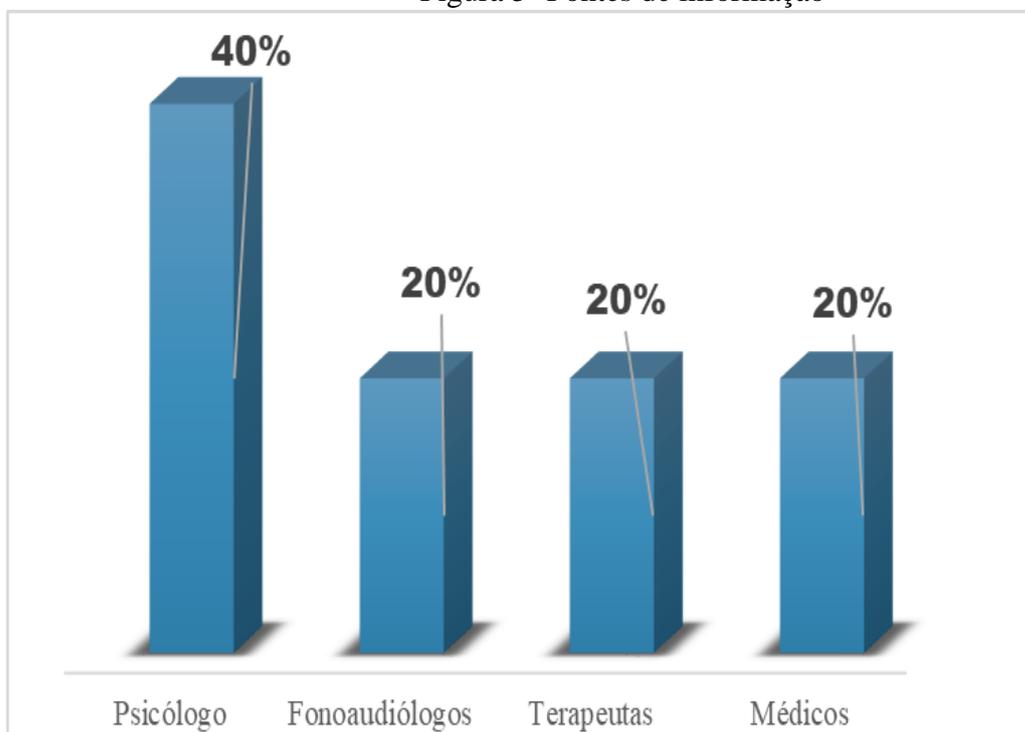
Sobre este dado, Camargo, Silva e Crespo (2020, p. 4), “[...] apontam para a importância da formação continuada para qualificar os serviços educacionais para essa população”. Nesse

sentido, é crucial que os professores de apoio busquem se qualificar para identificar e compreender quais são os métodos mais adequados a serem utilizados com seus alunos.

É necessário que os professores de apoio e a escola busquem alternativas para que ocorra essa formação continuada. Cunha (2019) corrobora também com o que foi apresentado pelos professores, afirmando que o professor precisa de efetiva preparação para identificar e intervir nas demandas apresentadas pelos estudantes com diagnóstico de TEA.

De acordo com os professores de apoio, além da preparação para trabalhar com o aluno com TEA é necessário contar com ajuda de outros profissionais, conforme descrito na Figura 5.

Figura 5- Fontes de informação



Fonte: Pesquisa (2022)

Sobre esta informação, Cunha (2019) explica que, além do professor de apoio, o aluno deve contar também com a ajuda de outros profissionais com diferentes formações.

Além dos professores e profissionais, é importante o acompanhamento da família para que o aluno aprenda, desenvolva e sinta-se incluído no ambiente escolar.

Os últimos questionamentos feitos aos professores foram em relação à preparação da escola e dos professores para receber os estudantes com TEA, obtendo os seguintes dados.

Quadro 2 – As escolas e os professores estão preparados para receber o aluno com TEA

	Sim	Não
A escola está preparada	80 %	20 %
Os professores estão preparados	80%	20 %

Fonte: Pesquisa (2022)

Diante dos dados apresentados, percebe-se que a maior parte dos respondentes concordam que escola e professores, em geral, estão preparados para atender aos estudantes com TEA. Apesar destes resultados, Dutra (2008) *apud* Camargo, Silva e Cresp (2020) entendem que muitos educadores não se sentem preparados para a inclusão escolar, pois exige mais conhecimento e dedicação, demanda mais tempo para as atividades com os estudantes que possuem necessidades específicas.

Ainda os mesmos autores, Camargo, Silva e Crespo (2020), alertam que o trabalho pedagógico voltado para a criança autista deve ser bem planejado, para que aquisição do conhecimento se desenvolva. É muito importante a formação continuada para se qualificar, compreender e saber quais são os métodos para trabalhar com o aluno autista.

Considerações finais

Diante da pergunta que norteou esta pesquisa, constatou-se que os professores de apoio se empenham em conhecer seus alunos, dividem as atividades deles em etapas, criam rotinas para o estudante e têm conhecimento sobre o TEA.

Inicialmente, acreditava-se que as escolas e os professores de apoio não estavam preparados para trabalhar com as crianças com TEA. No entanto, esta hipótese não foi confirmada, haja vista que ficou constatado que, apesar de necessitar de algumas adaptações, as escolas e os professores estão preparados para receber esses alunos.

Como objetivo geral, a proposta foi analisar a atuação do professor de apoio no processo de aprendizagem da criança com TEA. Neste caso, a proposta deste estudo foi atingida, sendo

possível verificar que as atividades são elaboradas pelos professores de forma clara, objetiva e diversificada.

Com relação às dificuldades encontradas, constatou-se que as mais comuns aos professores são: a comunicação, a socialização e o comportamento dos estudantes com TEA. Para trabalhar essas dificuldades o professor propõe atividades diversificadas, realiza diálogos constantes com os estudantes, com a família e com a equipe pedagógica da escola.

Portanto, o professor de apoio deve conhecer seu aluno e suas características e proporcionar o uso das diferentes metodologias para facilitar a aprendizagem e promover a inclusão no ambiente escolar. Desse modo, sugere-se, para futuras pesquisas que seja utilizada a entrevista e a observação participante junto aos professores e suas respectivas salas de aula, a fim desenvolver uma análise mais profunda e completa sobre os métodos de ensino e as dificuldades de se trabalhar com o aluno com TEA.

Referências bibliográficas

CAMARGO, Sígla Pimentel Höher, SILVA, Gabrielle Lenz, CRESPO. Desafios no processo de escolarização de crianças com autismo no contexto exclusivo: diretrizes para a formação continuada na perspectiva dos professores. **EDUCAÇÃO EM REVISTA/BELO HORIZONTE/v 36/ e2014-220/2020**

CAMPOS, Larriane Karen e FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. Perfil escolar e as habilidades cognitivas e de linguagem de crianças e adolescentes do espectro do autismo. **CODAS** 2015, 28(3), p. 234-243.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas a escola e na família**. 8.ed., Rio de Janeiro: Wak Editora 2019, 140 p. 21.

CUNHA, Eugênio. **Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar**. 6. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2020, 144 p.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DE DIREITOS HUMANOS. Disponível em: https://educacao.mppr.mp.br/arquivos/file/dwnld/educacao_basica/educacao%20infantil/legislacao/declaracao_universal_de_direitos_humanos.pdfAcesso em: 03 set. 2020.

IBGE educa. **Conheça o Brasil** -População cor ou raça. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/uba/panorama> Acesso em: 07 jun. 2022 .

MARTINS, Alessandra Dilair Formagio e MONTEIRO, Maria Inês Bacellar. Alunos autistas: análise das possibilidades de interação social no contexto pedagógico. **PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL**, SP. V.21, n 2, p 215 – 224.2017.

MELLO, Ana Maria S Ros. **Autismo guia prático**. GUIA PRÁTICO, 4. ed. São Paulo: AMA; BRASÍLIA, CORDE, 2005. 103 p.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa, GAIATO, Mayra Bonifacio, REVELES, Leandro Thadeu. **Mundo singular entenda o autismo**. s/l: FONTANAR, 2012.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. **Dificuldades acentuadas de aprendizagem autismo**. BRASÍLIA: MEC, SEESP Editora, 2004.

SECRETARIA DO ESTADO DA EDUCAÇÃO RESOLUÇÃO SEE N°

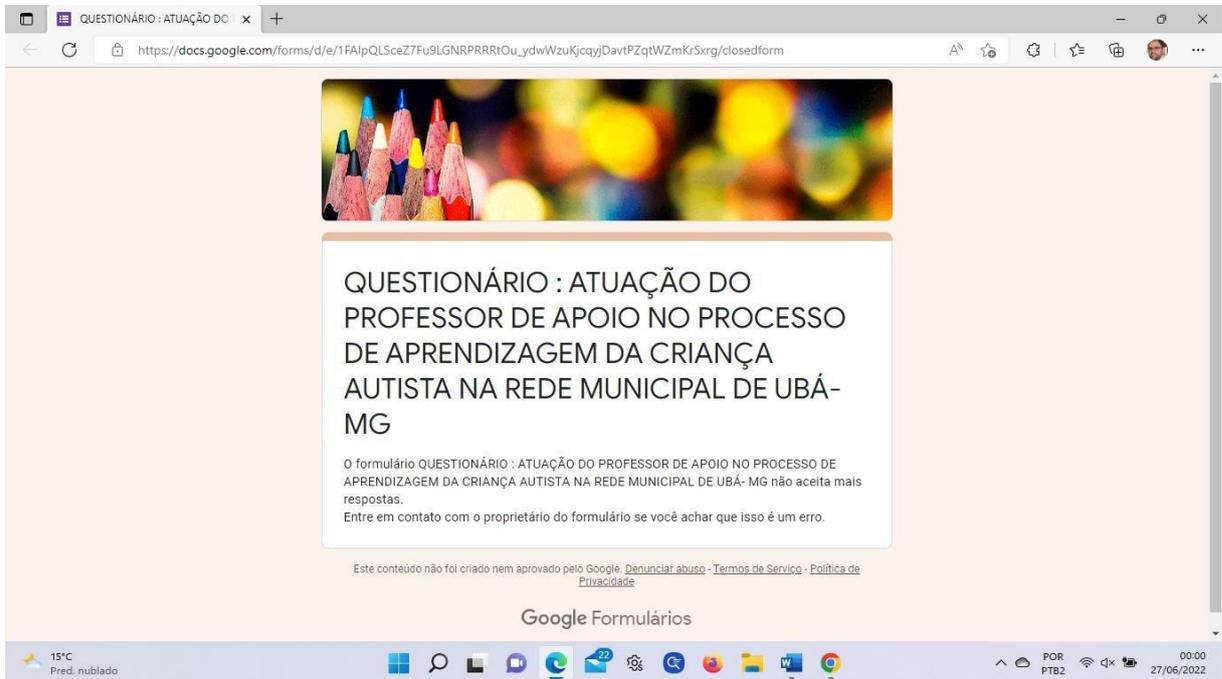
4.256/2020. Disponível em:

<https://www2.educacao.mg.gov.br/images/documentos/4256-20-r%20-%20Public.10-01-20.pdf.pdf> Acesso em: 08 jul. 2022

TOGASHI, Cláudia Miharú e WALTER, Cátia Crivelenti de Figueira. As contribuições do uso da comunicação alternativa no processo de inclusão escolar de um aluno com transtorno do espectro do autismo. **REV. BRAS. ED. ESP.**, MARÍLIA, v. 22, n. 3, p. 351-366, JUL.SET. 2016.

ANEXO 1

Questionário



Disponível

em: https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSceZ7Fu9LGNRPRRRtOu_ydwWzuKjcqyJDavtPZqtWZmKrSxrg/viewform?usp=pp_url

Anexo II

TCLE

Disponível

em: https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSceZ7Fu9LGNRPRRRtOu_ydwWzuKjcqyJDavtPZqtWZmKrSxrg/viewform?usp=pp_url